

Deus escolheu as coisas loucas... para envergonhar as fortes*

ANETTE ROESE

Vida em reclusão, embora santas não podem oferecer imagens e modelos de amadurecimento religioso
(JAMES E EVELYN WHITEHEAD)



Sandja Duarte de Souza

Foram intuições que motivaram a realização de uma pesquisa de campo com pessoas homossexuais na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB). Mas não foi só a intuição. Foi sobretudo a percepção de verdades escancaradas e camufladas: o expressivo número de estudantes homossexuais (futuros pastores, futuras pastoras?!), e o silêncio, o tabu e a discriminação que circundam esta realidade. O tema da homossexualidade borbulha nos corredores, nas salas de aula, nas conversas ocasionais... e a vivência sai por entre as frestas. Está no ar uma certa convocação à Igreja, para que diga, fale, se pronuncie sobre o tema, e provoque nas comunidades o despertar para esta realidade tão intrínseca; e para que as pessoas das comunidades da Igreja possam ir pensando na possibilidade de, no futuro (presente), conviver com uma pastora ou pastor homossexuais.

Portanto, em grandes traços, assim se descreve o interesse e a necessidade de falar sobre a homossexualidade. Sobre? Não! Aliás, sobre muito pouco, quase nada. Escritos sobre homossexualidade com pré-conceitos e pré-juízos estouram as bibliotecas e livrarias. Aqui se quer falar a partir das pessoas homossexuais, dando voz a quem traz em si a condição, o ser homossexual. Este é o ponto de partida.

Aliás, é importante registrar rapidamente que a pouca literatura disponível sobre a homossexualidade na história humana nos revela que esta condição não é tão contemporânea como muitas vezes pensamos:

Catulo gaba-se de suas proezas e Cícero cantou os beijos colhidos nos lábios de seu escravo – secretário. Dependendo do gosto, cada um optava pelas

* Este texto é uma resenha da minha monografia de conclusão da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em São Leopoldo/RS. Foi feita uma pesquisa de campo no 2º semestre de 1997, contando com várias entrevistas a pessoas homossexuais que estavam estudando teologia com vistas ao pastorado, pessoas que concluíram o curso mas não assumiram um campo pastoral na Igreja e, pessoas que interromperam o curso. Apenas uma mulher foi entrevistada. As citações sem referência bibliográfica são falas das pessoas homossexuais entrevistadas.

mulheres, os mancebos; ou umas e outros. Virgílio tinha predileção exclusiva pelos mancebos, o imperador Cláudio pelas mulheres; Horácio repete que adora ambos os sexos. Os poetas cantavam o mancebo favorito do terrível imperador Domiciano com tanta liberdade quanto os escritores do século XVIII celebrarão madame Pompadour...¹

Na Grécia antiga, relações econômicas e sociais determinavam o tipo de relação sexual da pessoa. A diferenciação sexual das pessoas não se dava tanto pelo masculino ou feminino como hoje, mas pelo ser ativo ou passivo. Portanto, os homens livres podiam ser homossexuais, bissexuais ou heterossexuais desde que fossem o ser "ativo" na relação. Significa que o problema não estava na homossexualidade, mas na passividade. Este fato nos revela que as relações sexuais são relações "construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes."²

Algo nos parece unânime em diferentes culturas, desde as tribos nômades, as comunidades judaicas, em Roma, na Grécia, nos primórdios do cristianismo, na Patrística, na Idade Média, no surgimento do capitalismo, até hoje? Tenha sido aceita ou não a homossexualidade nestas culturas, o protótipo do homem, em grandes traços, é o mesmo: homem é aquele que é sexualmente ativo! Na Grécia, o homem livre homossexual não devia ser passivo sexualmente. Nas sociedades heterossexistas contemporâneas, basta que o homem se mostre apaixonado por mulheres e ele será considerado normal, quer dizer, viril, macho, ativo. Estas são por excelência, características do modelo patriarcal, androcêntrico, que permeia organizações sociais de todos os tempos. Assim, existe uma intrínseca relação entre o patriarcalismo e a discriminação à homossexualidade.

No sistema patriarcal o homem deve ser "macho", quer dizer, ativo social e sexualmente;

superior, forte. Deve demonstrar que é apaixonado por mulheres, mas deve manter comportamentos opostos aos delas. As mulheres são definidas como passivas social e sexualmente, delicadas, carinhosas, inferiores e fracas. O homossexual não cumpre o seu papel de homem, conforme o padrão predeterminado, pois ele não sente atração sexual por mulheres, tem um papel sexual passivo e traz no seu jeito de ser outras características ditas femininas. O sistema patriarcal associa os homossexuais às mulheres. Nisto resulta que o patriarcalismo misoginista torna-se também homofóbico.

É a opressão e o sofrimento de homossexuais e mulheres sob o patriarcalismo homofóbico e misoginista que nos permite sustentar nossas considerações sob a ótica ético-teológica feminista. A ética feminista supõe que a ética presente no nosso contexto é definida a partir de valores masculinos forjados no sistema patriarcal. A ética patriarcal exclui a pessoa homossexual como "agente moral", e exclui as experiências homossexuais como paradigmas viáveis e dignos para a sociedade.³

Enfim, opiniões sobre a homossexualidade existem sem limites. Mas raras vezes somos confrontadas com a fala de pessoas que vivem esta condição. Ser homossexual é:

- ... você manter relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo.
- É muito mais do que isso, (...) não se restringe ao uso que você faz dos seus genitais, você pode não fazer uso nenhum e ser homossexual. É muito mais pela maneira que você sente e pela maneira que você pensa. (...) Ser homossexual é ser um jeito de pensar (...), é uma maneira de ver o mundo, (...) de você analisar as coisas, é todo seu ser.
- Ser homossexual é ser o contrário de heterossexual. Como gostar, amar, assim como heterossexual ama; amar, ter afetividade, ter carinho, amor, só que por uma pessoa do mesmo sexo.
- É algo que faz parte do teu jeito de ser, do teu modo de viver. Faz parte da tua identidade. Você é, e não fica sendo depois durante a vida.

1. Paul Veyne, *Amor e sexualidade no Ocidente*, pp. 61-62.

2. César A. Nunes, *Desvendando a sexualidade*, pp. 14-15.

3. Cf. Mary Hunt, *Ética feminista*, p. 19.

– Tu é uma pessoa como qualquer outra, só que na questão da sexualidade, tu sente prazer, desejo por uma pessoa do mesmo sexo. Então, na verdade, tu é igual a todo mundo.

Assim caracterizam a si mesmas as pessoas homossexuais entrevistadas. No entanto, segundo elas, muita gente, sobretudo pessoas que não vivem esta condição, entendem que a homossexualidade “é uma coisa ruim, uma coisa abominável”.⁴ “Muitas pessoas entendem que homossexual seria, no caso, o homem, aquela pessoa que fizesse um uso indevido dos seus genitais.” Outras pessoas pensam “que isso não é uma coisa boa, que isso é uma coisa suja”. Membros da Igreja, estudantes de teologia, têm a convicção que “essas bichas têm que ser expulsas da igreja”. Tem também o pai que “prefere ter um filho ladrão do que homossexual”. O homossexual é muitas vezes definido como “aquele que fica agarrando feito um maníaco sexual”. Na faculdade é chamado de “delicado”. Na escola o chamam de “bichinha”. A pessoa que é homossexual pode ainda ser considerada “anormal, um aborto da natureza”. “... frutinha, mulher, delicado, sensível.”

A sociedade, na qual está inserida a Igreja,⁵ tem como padrão de normalidade a heterossexualidade.⁶ Dentro desta categoria existem papéis predeterminados para homens e mulheres. No sistema heterossexual patriarcal, o homem “pode mais, ser mais livre, transar mais cedo, e a mulher não pode”. O homem precisa provar sua masculinidade não sendo gay, não tendo amigos muito próximos, não sendo delicado. Além disso, os homens podem provar sua masculinidade “caminhando na rua coçando o saco, cuspidando no chão”, “comen-

tando que viram a bunda daquela mulher, viram o peito daquela mulher e ficaram excitados”. Devemos reconhecer que construiu-se um padrão de masculinidade no qual todos os homens deveriam se enquadrar. Os que não conferem com os pré-requisitos exigidos são perseguidos. A heterossexualidade é a regra dentro da concepção androcêntrica, e ela é estimulada. Um exemplo claro disso é que não se cogita procurar as causas da heterossexualidade e de suas anomalias, como a violência sexual contra mulheres, o incesto...

Desde que surgiu o conceito “homossexual” começou-se a associar a homossexualidade cada vez mais com anomalia, doença, desvio, passando a ser relacionado com a prática sexual. A pessoa passa a ser reconhecida pelas suas práticas sexuais com outra pessoa e não pelo seu ser em si. A concepção de uma palavra, neste caso, é a criação de um problema: aumenta-se o estigma contra a homossexualidade e assegura-se um maior controle social. A medicina e a moral se unem para combater a homossexualidade. Os homossexuais são acusados pelos médicos, padres, pastores... de não cumprirem seu papel de macho.⁷

Pelo fato de “homossexual” haver adquirido como palavra um sentido pejorativo, e quando empregada geralmente é usada para fazer referência a uma pessoa em sua totalidade, e não a apenas uma característica dela, o ideal seria que a palavra fosse substituída ou desmistificada. A dificuldade é que não existe uma palavra em português que expresse uma relação íntima entre dois homens ou duas mulheres.

Quando eu descobri a palavra “homossexual”, aí eu entrei em crise e me perguntava: “Meu Deus; o que eu estou sentindo?”.

O homossexual do século XIX tornou-se um personagem: um passado, uma história e uma infância; uma morfologia também, com uma anatomia indiscreta e talvez uma fisiologia misteriosa.

4. “Que o homossexual é ‘veado’ que dá o cu” (E.2).
5. Sempre que for usada a palavra Igreja estaremos nos referindo à IECLB.
6. Heterossexualidade e bissexualidade são conceitos que foram criados só no século XX. O termo “sexualidade” surgiu no século XVIII, e o termo “homossexualidade” aparece no século XIX. Cf. Tomás Hanks, *Tomando la Biblia en serio*, p. 3.

7. Cf. Elisabeth Badinter, XY: *Sobre a identidade masculina*, p. 104.

Nada do que ele é, no total, escapa à sua sexualidade. O homossexual é agora uma espécie. O sexo tornou-se a última verdade do ser.⁸

A própria palavra “sexo” esconde sua ideologia discriminatória e dualista. O “sexo” de uma pessoa pode ser masculino ou feminino, que culturalmente são colocados em oposição e hierarquia. Além disso, para definir o sexo da pessoa, a referência principal são os órgãos genitais. “Vittig argumenta que a erogeneidade, a reatividade sexual do corpo, está restrita pela institucionalização binária dos sexos.”⁹ Portanto, a linguagem fragmenta as pessoas e está repleta de ideologias que limitam todo o ser a apenas um aspecto do todo.

A homossexualidade é uma expressão da sexualidade. Envolve o jeito de amar, sentir, pensar... É uma vontade inerente de “pegar na mão, dar um beijo”, de andar com “o companheiro de mão dada na rua, oferecer-lhe uma flor, dar-lhe beijo em público, tomar um sorvete, caminhar na praia de mãos dadas”. Esta realidade descreve a condição de uma pessoa, e não a sua “opção” de viver, ou unicamente a atração genital por seu semelhante. A homossexualidade é uma “condição antropológica de um ser humano; o homossexual é antes de mais nada, um ser humano com uma condição e um destino perfeitamente humanizáveis e humanizante”.¹⁰ A especificidade desta pessoa é o seu sentimento erótico, o prazer, o desejo de intimidade pelo mesmo gênero.

Da mesma forma que não partimos dos problemas da heterossexualidade (estupro, incesto...) para defini-la, temos o dever ético de não partir dos problemas da homossexualidade (promiscuidade, crises) para conceituá-la. As anormalidades da heterossexualidade poucas vezes são lembradas como “problemas”. O fato está em que esta é tomada como a norma correta e a homossexuali-

dade é considerada um desvio do normal. Perguntamos às pessoas porque elas são homossexuais. Deveríamos fazer o mesmo com as pessoas heterossexuais que não são felizes nos seus relacionamentos, e tem outras inúmeras dificuldades em viver sua sexualidade de forma sadia. O machismo também deveria estar classificado entre os desvios da heterossexualidade.

Pessoas homossexuais não têm liberdade de viver a sua condição. Tudo estará tranquilo se elas se comportarem como “homem macho”:

– Tem que estar sempre alerta; não pode ser tão espontâneo em relação a algumas coisas, tem que se vigiar dependendo do grupo onde está se sente acuado. Tenho que me controlar, você nunca vai poder expressar como você sente, você não pode se expor.

– (Ê preciso) vivê-la de uma forma escondida, num ambiente mais restrito, fechado. No mundo masculino o homem tem que ser machão, tem que ser durão.

Exige-se, no contexto onde o machismo é evidente que os homossexuais vivam seu jeito de ser, sua condição, na clandestinidade. Os homossexuais, segundo a mentalidade androcêntrica, deixam de ser homens, pois o homem tem de ser “machão, durão”. O homem é reconhecido como tal pela sua heterossexualidade. É a prática de atos sexuais-genitais que vão definir o gênero da pessoa; diz-se então que a pessoa pode ser homem, mulher ou homossexual. É uma extremada simplificação do ser humano abençoado por Deus em sua integralidade, que contempla a sexualidade (Gn 1.28)

“Seja homem”; “Homem não chora!” São imperativos cotidianos que imperam até o momento em que o menino tenha se afirmado dentro do “padrão de homem” estabelecido pela sociedade. “Ser um homem diferente” é ser homossexual, é ser “delicado”, estes conceitos têm uma conotação pejorativa no meio heterossexista.

A ordem ‘seja homem’, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que não é, talvez, tão natural quanto se pretende. A exorta-

8. *Ibid.*

9. Judith Butler, *Variações sobre sexo e gênero...* In *Feminismo como crítica da modernidade*, p. 146.

10. Marciano Vidal, *Homossexualidade: ciencia y conciencia*, p. 129 (tradução própria).

ção significa, na melhor das hipóteses, que a posse de um cromossomo y ou de órgãos sexuais masculinos não basta para definir o macho humano.¹¹

A delicadeza está associada à mulher, assim como a passividade e a submissão. O homossexual, através de seu gesto delicado, estaria negando a sua masculinidade e ofendendo o império do homem heterossexual na sociedade. Na opinião de um entrevistado, imitar as mulheres é se rebaixar:

Ser homossexual seria se colocar no papel da mulher, que era um ser inferior. Então, o próprio androcentrismo que oprime a mulher, acaba oprimindo o homossexual. Porque ser homossexual é você se colocar, nessa concepção, no lugar da mulher, é você não querer ser mais homem e querer ser mulher. Você se torna passivo numa relação. É sempre aquela compreensão de que a mulher é passiva, então você se torna passivo, você se torna como mulher, você se torna inferior. E isso hoje em dia é muito presente em nossas comunidades, esse androcentrismo, esse machismo muito forte. Então isso vai se refletir no homossexual porque o homossexual é visto como bixa, frutinha, mulher, delicado, sensível. Então, ser homossexual sempre está relacionado com o deixar de ser homem e se tornar mulher. E como a mulher é a parte 'submissa e inferior, logo o homossexual também é inferior. (...) Pela racionalidade isso é inconcebível.

Na sociedade patriarcal androcêntrica é preciso que o homem possua uma mulher para que não se pense que ele gostaria de ser mulher, sendo homossexual.

"Normalidade" e identidade sexuais estão inscritas no contexto da dominação da mulher pelo homem. Dentro desta óptica, a homossexualidade, que implica uma dominação do homem pelo homem, é considerada, senão uma doença mental, pelo menos uma perturbação da identidade de gênero.¹²

Podemos afirmar com Elisabeth Badinter que também a nossa sociedade brasileira "não ofere-

ce nenhum modelo de homem que ame os outros homens".¹³

A perseguição e crítica à homossexualidade pode ser um medo, inconsciente talvez, da desestruturação do padrão de homem estabelecido. No âmbito, a homossexualidade é um problema da heterossexualidade, da mesma forma como o problema do racismo é a classe branca e o problema das mulheres não parte delas, mas do imaginário e organização social patriarcal.¹⁴ É o machismo e o heterossexualismo que se sente ameaçado pelos homens homossexuais. Se até agora a dignidade do homem parecia estar na sua autoafirmação masculina – de não ser sensível, submisso, doce, efeminado – a homossexualidade vem questionar esse padrão que nega aos homens esta possibilidade.

O dualismo homem/mulher, masculino/feminino impede a criatividade da vivência da sexualidade. Seguramente cada pessoa tem uma sexualidade específica, peculiar, irrepetível na humanidade toda. Não podemos negar este dom criativo de Deus em cada criatura sua. Portanto, na medida em que continuamos a definir o gênero pelo comportamento sexual e a masculinidade por oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia, a exemplo da misoginia, desempenha um papel importante no sentimento de identidade masculina. Constituem as duas faces da mesma moeda. A homofobia é o horror às qualidades femininas dos homens, enquanto a misoginia é o horror às qualidades femininas nas mulheres.¹⁵

A cultura patriarcal ensina que homens entre si não podem ter demonstrações de carinho. Nada de "amar outro homem", "ter amizade íntima", "chorar", "caminhar de mãos dadas"... Nas relações afetivas íntimas deve haver neces-

13. Cf. James Nelson, *O homossexualismo e a Igreja*, p. 12.

14. Elisabeth Badinter, *XY: Sobre a identidade masculina*, p. 116.

15. Transformar a Teologia Moral. *Concilium*, 1985/6, p. 91.

11. Elisabeth Badinter, *XY: Sobre a identidade masculina*, p. 163.

12. *Ibid.*, p. 99.

sariamente penetração, para que o homem possa provar a sua virilidade. Ser passivo ou impotente é uma grande humilhação para um homem perante a sociedade machista. Se consideramos que a sexualidade está diluída no todo do ser humano, teremos que conceber que todas as partes do corpo e todos os gestos são também sexuais, além de serem formas de fazer contato social. O nosso jeito de fazer contatos sociais e contatos sexuais estão intimamente relacionados. O ato sexual não está limitado a penetração; esta é uma imposição da cultura do sexo genitalizado. As entrevistas provam que as pessoas homossexuais questionam este preconceito e trazem novos valores para as relações íntimas, a amizade. A definição da sexualidade na estreita concepção dualista, homossexual/heterossexual, tampouco é o mais importante. "Eu não que definir nada assim, 'se eu sou homossexual ou heterossexual', isso não importa." O primordial na relação entre duas pessoas, pois, é a qualidade do relacionamento em seu todo, e não o "sexo" das pessoas envolvidas.

Conforme as entrevistas, a homossexualidade está associada a um "pecado": "Deus odeia os homossexuais". O pecado de Adão foi sua desobediência a Deus. A experiência das pessoas homossexuais nos diz que a sua condição está associada a um pecado sexual: "sexo é pecado". Por que? "Porque eu sempre ouvi dizer que era pecado... antes do casamento..." Essa fala de um pastor não se refere à homossexualidade, mas se refere ao sexo como pecado. Sexo é pecado fora do casamento, mas não é pecado depois do casamento, pois aí ele tem a sua função, que é a procriação, segundo Agostinho. Nesta concepção, baseada na moral sexual tão enfatizada por Agostinho o pecado está relacionado ao desejo e prazer sexual.¹⁶ A relação sexual só pode acontecer com fins procriativos. A associação de sexo ao pecado fora do casamento heterossexual incute

culpa e medo nas pessoas homossexuais que, pela sua condição, não vão relacionar-se sexualmente com a intenção da reprodução.

A nossa sociedade heterossexual é misógina. Parece uma contradição, pois numa cultura onde se tem como norma correta a relação casamento entre homens e mulheres, o amor deles por elas deveria ser óbvio. Mas não é o que acontece. Tudo o que está na classificação de "feminino" é inferior na cultura patriarcal, onde o superior e correto são as características associadas à masculinidade. A homossexualidade questiona este antagonismo. A escravidão causada pelo heterossexismo e gerado pelo patriarcalismo, não consegue admitir outras formas de relação íntima além daquela entre homens e mulheres. Uma sociedade que tem como padrão o homem heterossexual, nega a dignidade da mulher e repulsa quem que se assemelha a elas.

O medo de que a homossexualidade possa "contagiar", o "medo da família", o "medo de falar sobre o assunto" é, também, consequência da alienação do ser humano do seu corpo. O dualismo grego que separou corpo-alma, razão-emoção, é um dos grandes causadores desta alienação e desvalorização. A integralidade do ser humano foi quebrada e ameaçada. As pessoas estão alienadas de si mesmas, de sua sexualidade, de sua emoção, de seus desejos. Neste desconhecido corpo está a condição homossexual de muitas pessoas. As inúmeras regras proibitivas em relação à sexualidade, a negação do corpo, provocam a repressão e o esquecimento dos desejos do corpo. Devemos falar do prazer, dos desejos, a fala torna-os de novo conhecidos, traz eles de volta ao cotidiano, à normalidade e destrói o medo.

Pressupostos ético-teológicos

"Eu me sinto muito feliz... em sentir... que Deus não me condenaria por ser homossexual." Esta relação mais próxima das pessoas homossexuais com Deus é resultado de uma longa caminhada. Não aconteceu sem muito sofrimento, discrimina-

16. Cf. Jean-Philippe Catonné, *A sexualidade ontem e hoje*, p. 53-60.

ção, medo e “1002 crises”; As entrevistas falam muito do Deus da graça. Mas Deus não chegou a ser reconhecido pela sua graça pelas pessoas homossexuais sem que antes elas houvessem se confrontado com “aquela noção de pecado, que Deus odeia os homossexuais”.

“Durante milênios sempre foi pregado que Deus era homem, macho, pai...” Nesta concepção a idéia de que Deus era também heterossexual parece bastante óbvia. Desta forma, a criação já não é mais obra divina, mas humana. O ser humano da cultura patriarcal heterossexista se coloca no lugar de Deus, querendo criar seu semelhante à sua auto-imagem e semelhança: todos os homens devem ter comportamentos que demonstrem frieza racional e força, dureza nos gestos. Deus como macho, homem, pai, também é um reflexo do pecado do patriarcalismo heterossexista que fez Ele à sua imagem. “Mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível.” (Rm 1.23)

Este Deus do patriarcalismo não confere com a sua revelação em meio às pessoas homossexuais. Por isso a pergunta e a experiência:

Se Deus é contra, porque ele nos fez assim? Será que ele nos fez simplesmente marionetes, para ficar se divertindo e rindo às nossas custas quando somos desprezados por outros? (...) Se o Deus..., aliás, o meu Deus o qual acredito não é (contra). Porque eu sei o que é ser homossexual, o que isso implica, e que eu não sou assim por querer, mas assim por ser por essência. Eu acredito que essa essência venha também por parte de Deus, e seja algo divino. Eu me considero um filho de Deus como qualquer outra pessoa, qualquer ser humano. Eu não vejo que Deus seja contra. Pelo menos o Deus que eu acredito, o Deus de amor, pai de Jesus Cristo. Agora, esse Deus que é contra, na minha visão é uma deturpação da imagem de Deus, do verdadeiro. Talvez seja uma máscara que nós estejamos colocando nele, e estejamos tomando o seu lugar de julgar, de condenar, algo que não compete a ninguém, se nem o próprio Cristo não julgou, nem condenou.

Agora poderemos fazer a mesma pergunta que o apóstolo Paulo faz na carta aos Romanos (E o próprio apóstolo responde):

Que diremos, pois, à vista destas cousas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, não nos dará graciosamente com ele todas as cousas? Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica (Rm 1.31-33).¹⁷

O fato de Deus haver criado todos os seres humanos à sua imagem (Gn 1.28), implica em que todas as pessoas contemplam em si bondade, justiça e verdade (Ef 5.9) de Deus.

O Evangelho nos ensina sobre o valor, a dignidade de cada vida humana. Jesus curou no sábad, perdoou a mulher adúltera, conversou com a samaritana, compartilhou momentos com Marta, Maria, ressuscitou Lázaro... A cada pessoa destas, por mais marginalizada que fosse pelo sistema político da época, Jesus devolveu a autoestima. Jesus reaviva a vocação inerente a cada criatura de Deus. Cada pessoa é única, irrepetível. Tal é a criatividade de Deus. Seus projetos não são estáticos, a-históricos. Ele renova seus planos, sua criação.

Onde o ser humano vive em comunhão, ali também está a imagem de Deus. E a comunhão plena com Deus e com o nosso semelhante não se resume às relações entre homens e mulheres, mas pode ser tão ou mais plena entre dois homens ou duas mulheres. A certeza de que a imagem de Deus não está apenas refletida nas relações heterossexuais, sabe quem experimentou o sofrimento e a libertação deste sofrimento pela graça:

A graça de Deus é irresistível (...) E se a graça de Deus é irresistível, pouco importa se a homossexualidade é natural ou não, ela não se limita pelo que é natural ou não é. Porque se a graça de Deus fosse se limitar ao que é, ao que nós entendemos como biologicamente normal e natural, o que a gente ia fazer com as pessoas portadores de deficiência ou...

Somos humanidade chamada a não se conformar com a injustiça, com a opressão daquelas

17. Como vimos no capítulo I, a homossexualidade era comum entre os romanos.

peessoas que sabem “muito bem o que é sofrer.” Somos comunidade de Deus convocada a transformar-nos e renovar as nossas concepções, reconhecendo a vida experimentada “sob uma ótica diferente”. Tudo isso para que possamos sentir e compreender a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Cf. Rm 12.2).

Porque eu acredito que diante de Deus não vai contar se eu sou homossexual ou heterossexual, ou seja lá o que for. Eu acho que independente disso eu preciso me sentir bem comigo mesmo e só assim eu vou poder me relacionar com Deus e ter uma relação legal com Deus também.

A lei da heterossexualidade compulsória já não é condição para a salvação, “porque Cristo é o fim da lei para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10.4). O patriarcado torna a humanidade escrava da lei da heterossexualidade e ofusca a liberdade e a “loucura de Deus”. A obviedade da heterossexualidade é colocada em questionamento pela loucura da cruz, pela graça de Deus e porque Ele escolheu as coisas que não são:

Pelo contrário, Deus escolheu as cousas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as cousas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as cousas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (I Co 1.27-29).

A certeza “Deus me ama do jeito que eu sou” é a tranqüilidade dada pela fé justificadora de Deus. Foi a experiência desta graça de Deus que possibilitou às pessoas entrevistadas superar a força destruidora do orgulho heterossexual. “Deus transcende a divisão em sexos.”¹⁸

Eu estava lembrado de Deus, o que significa Deus, e eu me sinto muito feliz, muito feliz mesmo, em sentir, do fundo do coração, de todo meu ser, que Deus não me condenaria por eu ser homossexual; que Jesus não me condenaria. Me preocupa pensar que tem gente que me condena em nome de Deus. Isso são questões que martelam na cabeça da gente. E aí, pra mim – eu já falei antes da graça e do

18. Maria T. P. Santiso, *A mulher espaço de salvação*, p. 181.

amor –, isso tem mil vezes mais sentido ainda falar em graça em amor, se eu tenho a convicção que Deus me ama do jeito que eu sou. Que ele me ajuda... me vocaciona, e que Ele, através de mim, pode fazer muita coisa também.

A graça de Deus e a imagem de Deus também se manifesta através daquelas pessoas – “mãe”, “irmã”, “prima”, “professor” e grupos de amizade – que sabem superar as barreiras da heterossexualidade. Os grupos que surgem destas novas relações formam pequenas comunidades de iguais (Gl 3.28), pequenas comunidades de contraste, como alternativa à sociedade heterossexista.

Assim, textos bíblicos que condenam a homossexualidade devem ser revistos e comparados com a realidade, vida e experiências das pessoas envolvidas.

Não podemos negar as condutas éticas refletidas e amadurecidas das pessoas homossexuais entrevistadas. Os parâmetros destas pessoas e os seus valores não vem de categorias pré-estabelecidas, segundo um modelo científico ahistórico. A ética destas pessoas não parte de princípios teóricos, mas da experiência. A experiência do sofrimento, crises, discriminação, preconceitos sentidos; graça e justificação recebida. A partir desta experiência as pessoas vieram a buscar embasamento bíblico, ético-teológico, psicológico, sociológico... para suas condutas. Palavras como “a gente sabe muito bem o que é sofrer”; “a gente pode contribuir, por exemplo, nessa questão de ser oprimido, e de através da nossa libertação, também trazer a libertação de todas as pessoas que são oprimidas”, são vivências que constituem para nós desafios éticos. E é reconhecendo, apontando estes desafios que podemos enfrentá-los e estabelecer novos paradigmas.

A figura de Deus como graça tem sido, em termos éticos, possibilitadora da auto-aceitação, e auto-estima das pessoas entrevistadas. Deus como GRAÇA é o que tem convertido muito sofrimento em libertação. A experiência da gratui-

dade divina, longe da figura do Deus feito à imagem do patriarcalismo e heterossexualismo, é ponto de partida para uma ética-teológica.

A reflexão da ética feminista da libertação parte da experiência das pessoas para avaliar regras morais vigentes nas sociedades de sistema patriarcal. Mary Hunt nos explica essa necessidade:

Esse deslocamento do método ético é a passagem de uma visão moral essencialmente estática, elaborada a partir de categorias preconcebidas, para uma metodologia dinâmica que leve em conta, como algo central, a experiência humana, especialmente das pessoas mais profundamente afetadas. Abrange a experiência em seus próprios termos, declara que o mito da objetividade foi refutado, e segue em frente. Esse enfoque feminista de libertação tem seu ponto de partida nas lutas das pessoas que se sentem coagidas por um sistema opressivo e optam por libertasse.¹⁹

Para fazer algumas considerações éticas em torno da homossexualidade não vamos partir das críticas feitas a ela, porque estamos supondo, ao longo do estudo, que as acusações são consequência de preconceitos, de mal-entendidos e parcialidades propositais. Portanto, estamos partindo do que está refletido nas entrevistas: que a homossexualidade é uma condição antropológica do ser humano, este é feito à imagem e semelhança de Deus como todas as pessoas. A homossexualidade não é um comportamento e nem a totalidade de uma pessoa.

As entrevistas nos sugerem amplamente uma valorização da amizade como o centro das relações íntimas entre as pessoas, desviando assim, a atenção da genitalização e também da supervalorização das relações heterossexuais. O patriarcado heterossexista, que é o "mundo das pessoas" no nosso contexto, é limitado na questão sexual heterossexual, como aponta uma pessoa entrevistada: a relação sexual é "só penetração, por exemplo". A vida sexual se restringe ao sexo genital. As pessoas entrevistadas e as experiênci-

as das mulheres já reveladas em estudos feministas, questionam essa compreensão. Se rechaçarmos esta compreensão fragmentada do ser humano e nos reeducarmos para compreender as relações sexuais como interrelacionadas com as relações sociais, encontraremos outros valores mais integradores, e outras formas de expressão (como a homossexualidade), não concentradas somente no sexo genital.

Nós podemos nos entregar como um todo sem esperar nada em troca, e justamente nesta questão, sem achar que nesta entrega, tem que haver o sexo...

As pessoas homossexuais entrevistadas propõem que a amizade seja o referencial ético de todas as relações, íntimas-amorosas ou não.

– A questão da amizade, da sensibilidade, é algo extremamente apurado nos homossexuais...; não amizade colorida, mas amizade de um amigo, de uma amiga.

– É a valorização da amizade "sem preocupar em querer dar uma cantada, querer levar para uma relação sexual.

– Eu até tive muito preconceito com relação ao homossexualismo, mas comecei a trabalhar estas coisas e vivenciar, manter relações, não sexuais, de amizade com homossexuais.

– Uma coisa que eu acho que é bonita e cabe ressaltar é que entre o mundo da homossexualidade existe uma cumplicidade muito grande, e existe também uma questão de amor mútuo muito forte. A amizade entre as pessoas homossexuais, ela é muito mais forte do que entre pessoas heterossexuais. Talvez porque elas se identifiquem a partir daquilo que elas estejam sofrendo (...). Eu vejo assim que, a homossexualidade, na questão da amizade, tem muito a resgatar na sociedade e contribuir.

– Nós podemos nos entregar como um todo sem esperar nada em troca, e justamente nesta questão, sem achar que nesta entrega, tem que haver o sexo...

Creemos que o que Mary Hunt afirma com relação à amizade entre as mulheres também se aplica à experiência destas pessoas homossexuais. Amizades como estas – que muitas vezes nascem a partir de experiências de sofrimento e libertação,

19. Mary Hunt, Transformar a Teologia Moral. *Concilium*, 1985/6, p. 91-92.

desafiam os padrões sexuais impostos. A amizade, assim, unida à intimidade e à sexualidade – não dissociada, como se vive no patriarcalismo –, é um novo valor ético. O heterossexismo não suporta amizades. Mulheres muito amigas são chamadas de “fofoqueiras”. O homem quando tem um amigo muito próximo, não é um macho:

Eu tive um amigo, muito meu amigo, aí todo mundo na cidade começou a dizer que nós tínhamos um caso. Daí minha mãe me proibiu de sair com ele, os pais dele proibiram ele de sair comigo. Foi horrível! E nós éramos só amigos...

A amizade como valor ético relativiza princípios estabelecidos sob o ponto de vista autoritário. Relativiza a superioridade das características associadas com a masculinidade: a atividade, racionalidade, força física. A amizade não tem vanglórias e interesses opressivos, questiona o antagonismo homem-mulher, e a não possibilidade da intimidade dos homens entre si, e das mulheres entre si.

As muitas referências das pessoas entrevistadas a amigos, amigas, prima, mãe, tia heterossexuais, revelam um novo grupo de pessoas que colocaram a amizade como princípio ético. O novo grupo se trata de pessoas heterossexuais e homossexuais. Theodore Zeldin nos ajuda a reconhecer a ética deste grupo de maneira muito procedente: “Amizades entre homossexuais e heterossexuais nas quais o desejo deixa de ser agressivo, têm forjado novos e significativos relacionamentos”.²⁰ Quando existe amizade entre pessoas homossexuais e heterossexuais, e há possibilidade de compartilhar o sofrimento e a dificuldade de ser homossexual num contexto homofóbico, acontece uma humanização das pessoas de ambas as partes. Uma pessoa, quando perguntada sobre o que mudou no relacionamento depois que compartilhou a sua condição para a irmã, mãe e tia, disse assim:

Mudou bastante, porque eu posso dizer exatamente o que eu penso sobre um determinado assunto. Eu posso ser mais franco, eu posso ser honesto com elas. Eu não preciso mais medir as palavras. Minha mãe nunca mais me perguntou se eu tenho namorada ou não, ou esse tipo de coisa. Nós temos uma relação bem franca. Não existe mais aquela preocupação tua em medir palavras.

A amizade sempre pressupõe respeito no encontro com a outra pessoa. A outra pessoa é igual, mas diferente também. A amizade é que possibilita o encontro profundo com o diferente, e, nesse encontro com o diferente acontece o auto-conhecimento. Podemos reconhecer uma analogia entre o sonho, o êxtase, e a amizade. A amizade é o êxtase (Gn 2.21), de onde surgirá o reconhecimento da outra pessoa como igual. A amizade leva em si a admiração da “diferença unificante”. O “sonho” é a criatividade da amizade, que traz novos parâmetros para os relacionamentos.

A amizade possibilita o reconhecimento da outra pessoa como igual. A amizade também possibilita a fala: “com relação aos meus amigos todos, exceto (...), sabem sobre mim”. A amizade também tem união que leva ao movimento, à auto-aceitação da homossexualidade e à transformação de pessoas e estruturas. O “lugar seguro”, “o pai e a mãe” (cf. Mc 10.7), é a heterossexualidade. Mas é para o abandono do lugar conhecido que nos convida também Gl 3.28, o abandono das relações patriarcais da dominação do homem sobre a mulher no casamento ou fora dele. As pessoas entrevistadas, suas amigas e amigos, incluindo mãe, tia, prima, irmã, estão se arriscando na tentativa de construir novas formas de reciprocidade, guiadas pelo Deus da Graça e pelo Jesus que derubou moralismos na sua época (Cf. Jo 8.1-11). Abandonar o lugar seguro da heterossexualidade para construir uma nova comunhão, não acontece sem sofrimento/cruz, rupturas. Na comunidade cristã a ruptura com o “velho” torna todas as pessoas iguais em Cristo, pelo batismo, sem diferença de raça, sexo, classe,

20. Theodore Zeldin, *Uma história íntima da humanidade*, p. 118.

religião (Gl 3.26-28). A amizade tem e terá, nas relações, o dom revolucionário, o poder profético, de anúncio de novas formas de ser imagem de Deus, e a conseqüente denúncia de velhas barreiras calcadas em uma moral destruidora da amizade. "A sociedade patriarcal se concentra na atividade sexual genital como o pináculo do intercâmbio humano",²¹ e conseqüentemente não aceita relações de amizade sobretudo de homossexuais.

A exemplo da homossexualidade a heterossexualidade não é condenada com fundamentalismo bíblico: "Davi foi chamado de filho de Deus. Ele tinha dezenas de esposas, e centenas de concubinas (...); e ele foi acusado de adúltero em relação a Bateseba, porque ele matou Urias para poder ficar com ela" (Cf. 2Sm 12). Esta atitude de Davi poderia ser usada para fundamentar a condenação divina da heterossexualidade.

A atitude do Levita (Jz 19) e dos homens daquela cidade foi propositalmente esquecida pelo androcentrismo presente na teologia. Ló (Gn 19.8) ofereceu as suas filhas aos homens de Sodoma para que fizessem delas o que quisessem. Mais adiante é permitida uma relação incestuosa: "as duas filhas de Ló conceberam do próprio pai". (Gn 19.36).²²

Os textos bíblicos acima citados nos convocam para uma hermenêutica da suspeita com todos os textos bíblicos. Nos dizem que uma leitura fundamentalista carrega uma intenção discriminatória. Estes textos mostram a impossibilidade de usar partes isoladas da Bíblia para fundamentar uma conduta ético-sexual na atualidade.

A ética de Jesus não se fundamenta nas proibições do levítico. Jesus escolhe outra ética: "amarás a teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19.18; Mt 22.39).

Para que a Igreja e a sociedade possam se desfazer de seus preconceitos em relação à homos-

sexualidade, é preciso que se fale da experiência homossexual. A experiência contada, narrada, poderá sensibilizar as sociedades heterossexuais e esta poderá, então, passar a respeitar a pessoa homossexual como criatura que recebeu de Deus dignidade como imagem de Deus. As experiências narradas compreenderão valores e condutas éticas que irão questionar poderes institucionalizados e opressores. A amizade, o amor, a intimidade, presentes em todas as relações humanas, são valores vividos e relatados pelas pessoas homossexuais entrevistadas. Estes valores são critérios fundamentais para avaliar o comportamento ético das pessoas homossexuais. Rer ler textos bíblicos desde seu contexto, e a partir da condição homossexual e sua experiência concreta hoje, é imprescindível para não incorrer em julgamentos morais precipitados e que condenam a homossexualidade, sem saber o grau de humanização que esta contém.

Temos que nos dar o indispensável luxo de dizer a verdade para termos dados sobre os quais refletir. Temos que ouvir todas as vivências e experiências... sem censura nenhuma. (MARY HUNT)

Em diferentes épocas, em culturas diversas e por motivos variados, houveram distintas compreensões acerca da homossexualidade, o que indica, antes de mais nada, que a sexualidade não é estática, mas dinâmica, variável. Nascemos sexuadas, mas nossa sexualidade, na sua dinamicidade, permite ser construída ou reprimida conforme as necessidades, regras e experiências inscritas nas culturas, condições econômicas, sociais; de cada povo e momento histórico.

Filósofos gregos queriam que a paixão fosse suprimida dos relacionamentos homossexuais e heterossexuais, hebreus enfatizaram as relações sexuais heterossexuais por questões de reprodução para a sobrevivência da tribo; romanos e gregos homossexuais ou heterossexuais não admitiam que o homem livre ocupasse a posição chamada passiva na relação sexual ou social; Agostinho associa o desejo sexual ao pecado e a

21. Mary Hunt, *Del cielo a la tierra*, p. 447-448 (tradução própria).-

22. Cf. Tomás Hanks, *Tomando la Biblia en serio*, p. 5.

relação sexual à procriação; o capitalismo submete o prazer sexual ao trabalho... Todas estas concepções constituem entraves ao livre exercício da sexualidade e da amizade íntima, o amor, entre pessoas homossexuais. O patriarcalismo perpassa todas estas racionalizações da sexualidade, negando a paixão e o desejo. O ser ativo esperado do homem (livre) nas sociedades greco-romanas é o padrão imposto e esperado de todos os homens no nosso cotidiano atual. Também na nossa realidade não se permite aos homens manter relações homossexuais, porque a homossexualidade em sua expressão total está hoje associada à passividade. Ser "passivo", "delicado", "feminino", "fraco", "mulher", "homossexual", tudo está classificado na categoria de negativo, inferior, no patriarcalismo heterossexista. Assim, a misoginia e a homofobia estão intimamente relacionadas no patriarcalismo.

A homofobia limita as opções e expressões de amizade e intimidade entre os homens, privando-os de experiências de comunhão que incluem a imagem de Deus. Para entrar no Reino somos

chamadas a abandonar velhos padrões sociais e sexuais (G1 3.26-28).

As pessoas homossexuais devem se motivadas a sair de sua clandestinidade. Neste processo exigem o apoio de quem compreende a sua condição. A avaliação ética da vivência homossexual, como heterossexual ou bissexual, deve ser feita a partir da qualidade dos relacionamentos que se estabelecem nas relações. As pessoas entrevistadas colocam a amizade como o centro das suas relações e não a relação sexual, como prega o padrão heterossexual.

Pessoas homossexuais são imagem de Deus. Pois Ele declara justas todas as pessoas não por causa de suas atitudes, mas por causa da obra de Cristo (Ef 2.5; 2 Co 3.5). A santificação de toda criatura de Deus é total porque Cristo cumpriu todas as vontades de Deus. Através de Cristo todas as pessoas cristãs que crêem são santas e justas para Deus. É importante para Deus e para as suas criaturas homossexuais santas e justas que a Igreja reconheça este dom nelas.